SCANDIA
Journal of Medieval Norse Studies

UMA HOMENAGEM À NATUREZA E CULTURA ISLANDESAS: "ICELAND FIRST SEEN" ("ISLÂNDIA À PRIMEIRA VISTA"), DE WILLIAM MORRIS, 1891

A TRIBUTE TO ICELANDIC NATURE AND CULTURE: "ICELAND FIRST SEEN" BY WILLIAM MORRIS, 1891

Isabelle Maria Soares[1]

Resumo: O presente artigo objetiva apresentar uma contextualização, tradução para a língua portuguesa e respectiva análise do poema *"Iceland First Seen"* ("Islândia à Primeira Vista"), escrito pelo polímata vitoriano William Morris (1834-1896) após o retorno de sua primeira viagem à Islândia em 1871. O poema é fruto não só do seu encontro com a paisagem islandesa, mas também de todo o conhecimento urdido a partir do seu intenso interesse pela literatura e sociedade da Islândia medieval.

Palavras-chave: "Islândia à primeira vista"; William Morris; Tradução poética inglês-português.

Abstract: This article aims to present a contextualization, a translation into Portuguese language and a respective analysis of the poem "Iceland First Seen", written by the Victorian polymath William Morris (1834-1896) after returning from his first trip to Iceland in 1871. The poem is the result not only of his encounter with the Icelandic landscape, but also of all the knowledge woven from his intense interest in the literature and society of medieval Iceland.

Keywords: "Iceland First Seen"; William Morris; English-Portuguese poetic translation.

Introdução

"Uma nova terra é, enfim, avistada": William Morris e a cultura nórdico-islandesa

O polímata inglês William Morris (1834-1896) é um dos grandes nomes do chamado "medievalismo vitoriano", um fenômeno cultural surgido em meados do século XIX e que perdurou até a Primeira Guerra Mundial. Nesse contexto, Morris se destacou principalmente pelo seu resgate da Literatura Nórdico-Islandesa Antiga. Com a ajuda de Eiríkr Magnússon (1833-1913), amigo islandês que havia se mudado para a Inglaterra, Morris foi um dos poucos vitorianos que viveu uma verdadeira imersão na cultura islandesa: além de viajar duas vezes

[1] Doutora em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Durante o doutorado, foi pesquisadora visitante na Universidade de Cardiff e na Universidade da Islândia com bolsas financiadas pela CAPES. E-mail: isamariares@gmail.com Lattes: http://lattes.cnpq.br/6604231475566070

para a Islândia, aprendeu o idioma islandês e traduziu um número significativo de sagas para o inglês. Para além disso, Morris buscou inserir a cultura nórdico-islandesa na Literatura Inglesa por meio da sua própria criação literária, incorporando temáticas e estéticas nórdicas provenientes das *Eddas* e das sagas islandesas nos seus chamados "romances" em prosa e em versos (BRUCHARD, 2015; MACDONALD, 2015; ZIRONI, 2016; BENNETT, 2021; STOTT, 2021).

Carl Phelpstead (2020, p. 277, tradução minha)[2] afirma que Morris é "o islandófilo mais célebre da Grã-Bretanha Vitoriana tardia". É notável, ainda, conforme aponta Alessandro Zironi (2016), que o aprofundamento de Morris na cultura e literatura nórdico-islandesa tenha contribuído sobremaneira para o desenvolvimento do seu próprio pensamento político, de modo que as suas traduções, releituras e criações a partir do material nórdico acompanharam o desenvolvimento de sua postura considerada "ecossocialista"[3]: Morris era um defensor declarado da justiça social, a qual deveria estar, segundo ele, em harmonia com o meio ambiente. Apesar do seu interesse inicial pelas sagas e pelas *Eddas* ter sido influenciado por um movimento coletivo da cultura vitoriana em retornar ao passado nórdico-islandês, o seu engajamento no socialismo, que passou a se fortalecer a partir de 1870, demonstrou "que sua atitude em relação à literatura nórdica antiga mudou e foi influenciada por uma nova perspectiva na qual ele encontrou refletido seu próprio senso de resistência na vida, sua busca por beleza, pureza e força" (ZIRONI, 2016, p. 230, tradução minha)[4].

Morris tinha um carinho especial pela *Commonwealth* da Islândia (930-1262), justamente por este ser um período em que a sociedade islandesa se caracterizava por ser uma nação independente e igualitária, na qual os islandeses rejeitavam o sistema de monarquia e a noção de hierarquia social. Além disso, foi nesse período que floresceu a produção literária islandesa. Tendo isso em vista, enquanto artista que passou a se envolver cada vez mais ativamente com o socialismo, Morris se esforçou para manter essa literatura e cultura viva na memória

[2] " [...] late Victorian Britain's most celebrated Icelandophile" (PHELPSTEAD, 2020, p. 277).
[3] William Morris foi declaradamente socialista. O sufixo "eco-" foi acrescentado por estudiosos de sua vida e obra, ao perceberem as claras preocupações ambientais transmitidas pelo polímata em seus variados escritos (MACDONALD, 2015).
[4] "[...] that his attitude toward Old Norse literature changed and became inflected by a new perspective in which he found reflected his own sense of endurance in life, his search for beauty, purity, and strength" (ZIRONI, 2016, p. 230).

do povo inglês. Influenciado especialmente por esse sentimento, Morris visitou a Islândia duas vezes, em 1871 e novamente em 1873. Seu principal objetivo com a primeira viagem, em 1871, era visitar os lugares que supostamente foram cenário das histórias contadas em muitas sagas, em especial as do subgênero *Íslendingasögur* (sagas de islandeses, mais popularmente conhecidas por "sagas de família")[5]. O britânico registrou suas experiências de viagem em diários e também se inspirou a escrever dois poemas a partir do que vivenciou na paisagem islandesa: *"Iceland First Seen"* e "*Gunnar's Howe above the House at Lithend"* (WAWN, 1999; MACDONALD, 2015; STOTT, 2021).

Morris teria escrito esses dois poemas em 1871, logo após o retorno da sua primeira viagem à Islândia. "Iceland First Seen" foi o primeiro a ser divulgado, recebendo a sua primeira publicação na Islândia e não na Inglaterra. O original escrito em inglês foi traduzido pelo islandês Jón Sigurðsson, recebendo o título de *"Í landsýn við Ísland",* e foi publicado em 1872 no jornal literário islandês *Ný Félagsrit*. Só em 1891 a versão original em inglês foi publicada na Inglaterra, na coletânea *Poems by the Way,* de William Morris, juntamente com o outro poema *"Gunnar's Howe above the house at Lithend"* (BUSHELL, 1961; WAWN, 1999; STOTT, 2021).

São raras as traduções dos textos de Morris para a língua portuguesa, sendo a obra literária do escritor ainda pouco popular no Brasil. No entanto, Morris foi um artista muito profícuo e reconhecido na Inglaterra de seu tempo, configurando-se como uma grande influência artística e política para a cultura inglesa, valorizado dessa forma até os dias atuais. Como destaca Martin Stott (2021, p. 162, tradução minha)[6], até o final do século XIX, Morris havia se consolidado como "uma figura imponente, respeitada por sua poesia, design, perspicácia empresarial, inovação na impressão, trabalho de conservação, política (por alguns) e seu trabalho de tradução, recuperação e reinterpretação das sagas islandesas". Na Islândia, a memória de William Morris é mantida viva até hoje, como forma de reconhecimento por toda a dedicação desse "islandófilo" à integração da cultura nórdico-islandesa na sua

[5] As sagas desse subgênero apresentam histórias de personagens reais que viveram no período de colonização da Islândia IX e XI.

[6] "[...] a towering figure, respected for his poetry, design, business acumen, printing innovation, conservation work, politics (by some) and his work in translating, reclaiming and reinterpreting the Icelandic sagas" (STOTT, 2021, p. 162).

própria cultura, que contribuiu, dessa forma, para que ela se mantivesse viva pelo mundo. Para os islandeses do passado até os do tempo presente, Morris tem sido lembrado "sobretudo como 'um grande poeta inglês'" (BUSHELL, 1961, p. 11, tradução minha)[7]. Após a sua morte em 1896, vários tributos a William Morris foram produzidos e divulgados na Islândia. Até mesmo uma área da paisagem islandesa, visitada por ele em 1873, recebeu um nome em sua homenagem: "Morrissheiði" (literalmente "charneca de Morris"), por vezes com a grafia adulterada para "Morinsheiði". Assim como Morris escreveu em língua inglesa várias homenagens poéticas à Islândia, ele também foi imortalizado em versos islandeses: Matthías Jochumsson escreveu o poema "Vilhjálmur Morris" em 1896, sendo publicado em 1923, o qual ecoa o orgulho e o reconhecimento dos islandeses pelo maior islandófilo vitoriano que existiu (WAWN, 1999; STOTT, 2021).

Tendo isso vista, é de grande interesse ao campo dos Estudos Nórdicos desenvolvido no Brasil que esse grande poeta seja mais divulgado e estudado. Um primeiro passo, para tanto, é fazer como o próprio Morris fez com a Literatura Nórdico-Islandesa Antiga em relação ao seu contexto histórico-geográfico: buscar conhecer, estudar, traduzir, recriar, inspirar-se e, dessa forma, integrá-lo em uma nova cultura. Dessa forma, a tradução a seguir tem como principal objetivo dar um passo na disseminação em território brasileiro dos escritos de William Morris e sua respectiva contribuição aos Estudos Nórdicos.

Tradução

ICELAND FIRST SEEN William Morris	**ISLÂNDIA À PRIMEIRA VISTA** William Morris
Lo from our loitering ship a new land at last to be **seen;** Toothed rocks down the side of the firth on the east guard a weary wide **lea,** And black slope the hill-sides above, striped adown with their desolate **green:** And a peak rises up on the west from the	Eis que do nosso barco à deriva, uma nova terra é, enfim, **avistada;** Rochas pontudas ao longo do fiorde guardam a leste uma ampla sofrida **campina,** E a ladeira negra acima das colinas, listrada com sua cor verde **desolada:**

[7] "[...] chiefly as 'a great English poet'" (BUSHELL, 1961, p. 11).

meeting of cloud and of **sea,** Foursquare from base unto point like the building of Gods that have **been,** The last of that waste of the mountains all cloud-wreathed and snow-flecked and **grey,** And bright with the dawn that began just now at the ending of **day.**	E um pico se ergue a oeste de encontro ao mar e à **neblina,** Sólido e firme da base à ponta como a obra dos Deuses outrora **elevada,** O último daquele deserto de montanhas cinzento, velado em nuvens e **neve,** E que brilha com a aurora que nasce agora ao findar do dia tão **breve.**
Ah! what came we forth for to see that our hearts are so hot with **desire?** Is it enough for our rest, the sight of this desolate **strand,** And the mountain-waste voiceless as death but for winds that may sleep not nor **tire?** Why do we long to wend forth through the length and breadth of a **land,** Dreadful with grinding of ice, and record of scarce hidden **fire,** But that there 'mid the grey grassy dales sore scarred by the ruining **streams** Lives the tale of the Northland of old and the undying glory of **dreams?**	Ah! que viemos buscar ver que nosso peito arde tanto a **desejar?** Será suficiente para o nosso descanso, a visão deste desolado **litoral,** E o ermo montanhoso, mudo como a morte, exceto pelo vento que não pode **descansar?** Por que ansiamos por seguir adiante por todo o largo e amplo pedaço **territorial,** Tremendo com o gelo a ranger e com a marca do fogo quase oculto a **brilhar,** Mas que em meio aos vales de grisalhas gramas que os lânguidos riachos **marcaram,** Vive o conto da Terra do Norte de outrora e a glória dos sonhos que jamais **cessaram**?
O land, as some cave by the sea where the treasures of old have been **laid**, The sword it may be of a king whose name was the turning of **fight:** Or the staff of some wise of the world that many things made and **unmade**. Or the ring of a woman maybe whose woe is grown wealth and **delight.** No wheat and no wine grows above it, no orchard for blossom and **shade**; The few ships that sail by its blackness but deem it the mouth of a **grave**; Yet sure when the world shall awaken, this too shall be mighty to **save.**	Ó terra, como uma caverna à beira-mar, onde tesouros foram escondidos certa **vez,** A espada pode ser de um rei, cujo nome virou guinada de **enfrentamento**: Ou o cajado de algum sábio do mundo que muitas coisas fez e **desfez.** Ou porventura o anel de uma mulher, cuja dor se tornou riqueza e **contentamento**. Nem trigo nem vinhas lá crescem, nem pomar para florir e sombrear com **timidez;** Os poucos que navegam por tua escuridão apenas a julgam como uma entrada **fúnebre;** Mas é certo que quando o mundo despertar, também esta terra será salva e **célebre.**
Or rather, O land, if a marvel it seemeth that men ever **sought** Thy wastes for a field and a garden fulfilled of all wonder and **doubt**,	Ou antes, ó terra, se uma maravilha que homens sempre **buscaram** Em teus ermos por um campo e um jardim repleto de tudo para se encantar e **duvidar,**

And feasted amidst of the winter when the light of the year had been **fought**, Whose plunder all gathered together was little to babble **about**; Cry aloud from thy wastes, O thou land, "Not for this nor for that was I **wrought**. Amid waning of realms and of riches and death of things worshipped and **sure**, I abide here the spouse of a God, and I made and I make and **endure.**"	E festejaram em meio ao inverno, quando as luzes do ano se **apagaram**, De quem todo o saque reunido era pouco para se **vangloriar;** Grita alto de teus ermos, Ó terra, "Nem por isso nem por aquilo me **criaram.** Em meio ao declínio de reinos e riquezas e à morte de coisas adoradas e certas, **insisto,** Aqui habito na esposa de um Deus, e eu fiz e faço e **resisto.**"
O Queen of the grief without knowledge, of the courage that may not **avail,** Of the longing that may not attain, of the love that shall never **forget,** More joy than the gladness of laughter thy voice hath amidst of its **wail:** More hope than of pleasure fulfilled amidst of thy blindness is **set;** More glorious than gaining of all thine unfaltering hand that shall **fail:** For what is the mark on thy brow but the brand that thy Brynhild doth **bear?** Lone once, and loved and undone by a love that no ages **outwear.**	Ó Rainha da inconcebível dor, da coragem que não tem **provento,** Do anseio que pode não se cumprir, do amor que nunca se **esquecerá**, Mais júbilo do que a alegria do riso tua voz tem em meio ao **lamento:** Mais esperança do que prazer realizado em meio à tua cegueira se **colocará**; Mais glória do que todos os ganhos tua mão inabalável não terá por **sustento**: Pois o que é a marca em tua testa senão o estigma que tua Brynhild deve **suportar**? Uma vez solitária e amada e destruída por um amor que nem o tempo pode **apagar.**
Ah! when thy Balder comes back, and bears from the heart of the **Sun** Peace and the healing of pain, and the wisdom that waiteth no **more;** And the lilies are laid on thy brow 'mid the crown of the deeds thou hast **done;** And the roses spring up by thy feet that the rocks of the wilderness **wore.** Ah! when thy Balder comes back and we gather the gains he hath **won,** Shall we not linger a little to talk of thy sweetness of **old,** Yea, turn back awhile to thy travail whence the Gods stood aloof to **behold?**	Ah! quando teu Balder regressar, e do coração do Sol **trazer** A paz e a cura da dor, e a sabedoria que já não mais **espera**; E os lírios deitarem em tua testa em meio à coroa das façanhas que fostes **fazer;** E as rosas brotarem a teus pés que o mundo selvagem rochoso **venera**. Ah! quando teu Balder regressar e juntarmos os ganhos que fostes **vencer,** Não demoraremos nem um pouco para sobre tua doçura longeva **falar,** Pois, voltarás um pouco ao teu labor, donde os Deuses ficam indiferentes a **observar**?

Análise

"Ah, que viemos buscar ver": natureza, literatura e sociedade

Traduzir textos, de forma geral, mais do que transpor o significado das palavras de um idioma para o outro, configura-se como um exercício em que o tradutor precisa fazer escolhas. Quando se trata de tradução de poesia em versos, essa prática se intensifica. Nesse jogo de escolhas morfológicas, fonéticas, sintáticas e semânticas, o poema traduzido terá perdas poéticas, mas receberá ganhos de outra ordem no decurso de sua transformação. Portanto, o processo tradutório de poesia se faz a partir do reconhecimento, por meio da imersão do tradutor-poeta na sua leitura, "daquilo que particulariza o texto poético em questão, [...] [para] estabelecer aquilo que é mais ou menos significante esteticamente no poema" (ALVES, 2021, p. 137). A tradução poética deve, portanto, debruçar-se "sobre um conjunto de sentidos simbólicos construídos pela, com, na língua, os quais extrapolam os contornos rígidos da palavra denotativa" (ALVES, 2021, p. 132).

Tendo isso em vista, justifico que, no processo de tradução do poema aqui apresentado, fiz escolhas baseadas, primordialmente, na busca por uma aproximação com a literariedade morfológica, sintática e semântica dos versos. Em seguida, tendo em vista que o poema original em inglês é composto de rimas alternadas (A / B / A / B / A / C / C), busquei alinhar os versos com o objetivo de equivaler a tal estrutura. Inevitavelmente, nesse processo, uma parte da exatidão morfológica e sintática se perdeu, mas os ganhos poéticos adquiridos fizeram renascer um poema que objetiva transmitir aos falantes de língua portuguesa as emoções que ecoam o encontro de um poeta inglês vitoriano com as terras mais inóspitas e excêntricas do mundo nórdico. É inegável que "Islândia à Primeira Vista" expressa os sentimentos de Morris aflorados a partir de sua experiência enquanto visitante da Islândia. Esses sentimentos se resumem pela intensa admiração que ele sentia pela cultura nórdico-islandesa, bem como pela conexão íntima que buscava manter com a natureza, uma experiência que vivenciou de maneira singular na paisagem islandesa.

Dessa forma, o primeiro pressuposto que aponto aqui é que a voz poética de "Islândia à Primeira Vista" é a voz do próprio William Morris. Esse poema, de acordo com Florence Boos (2024), faz parte de um conjunto de poemas em que é claramente possível acessar as

reações pessoais de Morris acerca do passado literário islandês e, acrescento, da paisagem e sociedade islandesas que testemunhou:

> Em forte oposição à escola crítica do século XX que promovia a 'morte do autor', nesses poemas a persona de Morris atravessa o tempo para falar diretamente tanto ao leitor quanto a uma figura histórica/literária; seus imaginados bardos, oradores e 'próprias' vozes encenam, assim, uma ressurreição do autor — interpretado como uma pessoa realmente existente, comunicando-se com seus semelhantes através do tempo e do espaço através do frágil meio da linguagem (BOOS, 2024, p. 112)[8].

"Eis que do nosso barco à deriva, uma nova terra é, enfim, avistada": a primeira estrofe ressoa, portanto, a primeira visão que Morris teve da Islândia no dia 13 de julho de 1871, momento descrito por ele em seu diário de viagem, como podemos observar:

> [...] e depois disso avistamos a ilha principal, uma costa realmente tremenda: uma grande massa de montanhas cinza-escuras trabalhadas em pirâmides e plataformas, como se tivessem sido construídas e meio arruinadas; elas **estavam listradas com neve no alto,** e grinaldas de nuvens se arrastavam aqui e ali, e acima delas havia dois picos e uma crista irregular de neve branca e pura: estávamos longe o suficiente para conseguir contemplar Berufirth e ver a grande pirâmide de **Búlandstindur,** que fica um pouco abaixo do lado oeste do estuário, perto do mar (MORRIS, 1996, p. 14, grifos meus, tradução minha)[9].

A montanha Búlandstindur, em forma de pirâmide, que Morris aprecia à distância, pode ser contemplada em seus versos quando a voz poética afirma: "E um pico se ergue a oeste de encontro ao mar e à neblina, / Sólido e firme da base à ponta como a obra dos Deuses outrora elevada". Como é possível notar pela fotografia exposta abaixo (FIGURA 1), a precisão

[8] "In sharp opposition to the twentieth-century school of criticism promoting the 'death of the author', in such poems Morris's persona vaults across time to speak directly both to the reader and to a historical/literary figure; his imagined singers, speakers, and 'own' voices thus enact a resurrection of the author—construed as an actually existing person, communing with his fellows across time and space through the frail medium of language" (BOOS, 2024, p. 112).

[9] "[...] and beyond that we saw the mainland, a terrible shore indeed: a great mass of dark grey mountains worked into pyramid and shelves, looking as if they had been built and half ruined; they **were striped with snow high up**, and wreaths of cloud dragged across them here and there, and above them were two peaks and a jagged ridge of pure white snow: we were far enough presently to look into Berufirth, and to see the great pyramid of **Búlandstindur** which stands a little way down the west side of the firth close by the sea" (MORRIS, 1996, p. 14, grifos meus).

do formato piramidal da montanha Búlandstindur, da base à ponta, possibilita a inferência poética do próprio Morris acerca daquela paisagem: mãos divinas a construíram.



Figura 1: Montanha Búlandstindur, na Islândia. Fonte: Fotografia feita pela autora (Maio, 2024).

Antes disso, os versos descrevem as cores da paisagem islandesa, o negro e o verde, que dominam a mistura das rochas e das campinas: "Rochas pontudas ao longo do fiorde guardam a leste uma ampla sofrida campina, / E a ladeira negra acima das colinas, listrada com sua cor verde desolada". Essa caracterização de elementos de uma paisagem listrada com diferentes cores também foi registrada em seu diário de viagem. No trecho citado anteriormente, ele aponta para montanhas que "estavam listradas com neve no alto". Um pouco mais à frente, ainda em seu registro sobre o primeiro dia em que ele avista a ilha principal da Islândia, esse preceito se repete, mas com outra característica da paisagem:

> [...] e enquanto eu contemplava, o sol cobria as colinas do leste e a grande pirâmide ficou vermelha na metade do caminho, e as nuvens mais baixas começaram a se dissipar: o lado leste do estuário, que estava mais claro entre elas, mostrava a encosta comum da Islândia: um grande pedaço de xisto preto e areia, **listrado com o verde dos pastos**, que gradualmente descia para uma ampla planície coberta de grama entre a colina e o mar, na qual podíamos ver

> as terras de várias propriedades [...] (MORRIS, 1996, p. 15, tradução minha, grifo meu)[10].

O primeiro verso da segunda estrofe, "Ah! que viemos buscar ver que nosso peito arde tanto a desejar?" , ecoa o desejo que Morris tinha "de encontrar alguma coisa no *wilderness* da Islândia" (STOTT, 2021, p. 146, tradução minha)[11]. Essa "alguma coisa", complementa Stott (2021), estaria atrelada também ao socialismo ao qual o poeta se dedicava, impulso que floresceu a partir do aprofundamento do seu interesse pelas sagas islandesas e pela sociedade por elas representada. Dessa forma, "Islândia à Primeira Vista" manifesta o intenso diálogo entre a postura socialista de Morris e o seu encontro com o *wilderness* islandês. *"Wilderness"* é um conceito que emprestamos dos Estudos Ecocríticos e que pode ser entendido, de forma geral, como a "natureza em estado não contaminado pela civilização" (GARRARD, 2006, p. 88). De fato, como Phillippa Bennett (2021) destaca, a experiência de poder visualizar, sentir e percorrer as paisagens islandesas foi a primeira e, provavelmente, única experiência de Morris com o *wilderness,* visto que a Islândia, com suas especificidades históricas e geológicas, é um dos poucos territórios do mundo a oportunizar um contato mais intenso com o mundo natural na expectativa moderna: uma natureza supostamente intocada pela mão humana. Esse contato único com uma natureza pura e excêntrica germinou em Morris o desejo de eternizar a Islândia em palavras. Seu poema "Islândia à Primeira Vista" providencia uma pintura de uma terra desolada em um vasto ermo que faz surgir de forma contínua e transitória rochas, montanhas, colinas, campinas, gramados, riachos, neve, gelo, fogo, cavernas, todos abraçados pelo vento, pela neblina e pelo mar.

Essa conexão com a natureza islandesa comunica ainda uma outra importante característica da Literatura Nórdico-Islandesa Antiga, da qual certamente Morris estava ciente. O último verso da segunda estrofe menciona que em meio a essa paisagem permanecia "o conto da Terra do Norte de outrora e a glória dos sonhos que jamais cessaram". Esse conto da

[10] [...] and as I looked the sun overtopped the east hills and the great pyramid grew red halfway down, and the lower clouds began to clear away: the east side of the firth which was clearer of them showed the regular Iceland hillside: a great slip of black shale and sand, **striped with the green of the pastures**, that gradually sloped into a wide grass-grown flat between hill and sea, on which we could see the homemeads of several steads [...] (MORRIS, 1996, p. 15, grifo meu).
[11] "[...] to find something in the wilderness of Iceland" (STOTT, 2021, p. 146).

Terra do Norte, que reside "em meio aos vales de grisalhas gramas que os lânguidos riachos marcaram", pode ser resumido pela conexão das sagas, em especial das *Íslendingasögur*, com a paisagem islandesa. Como Emily Lethbridge (2016) coloca, não só essas sagas configuram um histórico da paisagem islandesa, como também a paisagem islandesa comunica o enredo dessas narrativas. Por isso, Lethbridge (2016, p. 54, tradução minha)[12] define a "paisagem como o primeiro manuscrito das sagas". Magnus Magnusson (1996), que escreve uma introdução a uma das edições publicadas dos diários de viagem de Morris, intitulados como *Icelandic Journals,* nos oferece uma descrição capaz de exemplificar essa percepção:

> Você pode estar hoje nos locais onde se diz que os eventos das Sagas ocorreram e reconhecer praticamente todos os detalhes da paisagem. [...] Os camponeses e fazendeiros que vivem em locais consagrados pela história da Saga parecem viver as Sagas também; para eles, os eventos do passado podem ter acontecido ontem, e eles apontarão para você cada pedra e pau com associações históricas, recontarão os contos das Sagas como se fossem histórias atuais, falarão de heróis das Sagas há muito falecidos como se fossem amigos íntimos. Por mais solitária que seja a paisagem, ela é povoada pela presença constante do passado (MAGNUSSON, 1996, p. xxiii, tradução minha)[13].

Um dos objetivos de Morris em suas viagens era exatamente experimentar e testemunhar essa permanente presença do passado e poder ler as paisagens da Islândia enquanto "manuscritos" desse passado. De fato, como Stott (2021) aponta, a partir de primeira viagem de Morris à Islândia, ressonâncias da paisagem islandesa se tornaram um elemento muito presente, de forma explícita e também implícita, na escrita literária de Morris como um todo. Há claras semelhanças entre as descrições das paisagens feitas por Morris em seus *Icelandic Journals* (MORRIS, 1996) com a descrição das paisagens de seus últimos romances, por exemplo. É uma paisagem que comunica e conta as histórias e memórias do Norte, assim como é expresso em "Islândia à Primeira Vista".

[12] "Landscape as the first saga manuscript" (LETHBRIDGE, 2016, p. 54).

[13] "One can stand today at the sites where the Saga events are said to have occured, and recognize practically every detail of the landscape. [...] Farmers who live on sites hallowed by Saga history seem to live the Sagas, too; for them, the events of the past might have happened yesterday, and they will point out to you every stick and stone with historical associations, recount the Saga tales as if they were topical stories, speak of long-dead Saga heroes as if they were intimate friends. However lonely the landscape, they are peopled by the constant presence of the past (MAGNUSSON, 1996, p. xxiii).

A maior parte da Islândia é composta de terras desérticas e que nada produzem. Lá não crescem "Nem trigo nem vinhas", nem pomares. Além disso, a cor cinza e preta de seu solo arenoso e rochoso combinada ao céu constantemente nublado convida aqueles que da Islândia se aproximam a adentrar sua "escuridão". Por causa disso, os poucos que navegam aos seus arredores "apenas a julgam como uma entrada fúnebre". No entanto, esse estranhamento, que uma primeira vista da Islândia pode causar, esconde uma terra célebre, cheia de encantos, de glórias e histórias de resistência.

A Islândia é personificada, tratada pelo poema como uma entidade viva, a quem Morris direciona diretamente a sua voz poética, em uma espécie de conversa com uma personagem divina. A Islândia que fala por si aponta que fez e continua a fazer a si mesma: ela está sempre se remodelando, e esta é a sua maneira de resistir. De acordo com Andrew Wawn (1999, p. 265), o caráter de contínua remodelação das terras islandesas é celebrado "Em meio ao declínio de reinos e riquezas e à morte de coisas adoradas e certas". Apesar de Morris não ter testemunhado uma erupção vulcânica acontecendo durante suas viagens pela Islândia, nos seus diários, ele constantemente enfatiza os aspectos vulcânicos do *wilderness* islandês que observou, de modo a destacar as consequências deixadas à paisagem islandesa por esse fenômeno geológico, como os campos de lava envelhecidos e os topos de montanhas com formato de pirâmide coloridas pelas "queimaduras" vulcânicas do passado. Dos relatos de sua primeira viagem, vale citar o momento em que Morris visita um território de *geysir* e relata a sua chegada àquele lugar, em 25 de julho de 1871: "enquanto cavalgávamos, Gisli me aponta através de uma abertura nas colinas à nossa esquerda, uma colina baixa atravessando um vale plano, **toda pintada de vermelho-queimado pelos fogos da terra**" (MORRIS, 1996, p. 52, tradução minha, grifo meu)[14]. Este é um exemplo da "marca do fogo quase oculto a brilhar".

A Islândia habita na "esposa de um Deus": muito provavelmente, Morris se refere aqui à Jörð, a personificação da Terra (cognata à *Earth*, em inglês). Como Abram (2019) explica, Jörð costuma ser considerada uma das esposas de Óðinn com base na descrição mitológica da *Snorra Edda,* que menciona que ela é filha e esposa da deidade. Dessa forma, a Terra é esposa de um deus e é nela que a Islândia reside, de acordo com a voz poética morrisiana. Ao fazer

[14] "[...] as we ride along Gisli points out to me through an opening of the hills on our left a low hill across a flat valley, **all burnt red with earth-fires** [...]" (MORRIS, 1996, p. 52, grifo meu)

uma leitura do outro poema que Morris escreveu ao retornar da sua primeira viagem à Islândia, *"Gunnar's Howe above the House at Lithend",* Wawn (1999) conclui que Morris tentou resgatar o espírito do passado heroico da Islândia para articular com o presente do século XIX. Nesse poema, a voz poética de Morris também se refere à Islândia enquanto pessoa: "ele queria a Islândia como mãe, irmã e amante" (WAWN, 1999, p. 265, tradução minha)[15]. Nesse viés, uma das mensagens de Morris incorporada por "Islândia à Primeira Vista" é de que a Islândia era também um lar para ele. Tanto é que, ao final dos registros de sua primeira viagem, quando Morris já se encontrava em terras britânicas, em 7 de setembro de 1871, ele lembra da Islândia como: "um lugar maravilhoso, belo e solene [...] e onde eu fui de fato muito feliz" (MORRIS, 1996, p. 146, tradução minha)[16].

A Islândia é dotada de um valor mítico, que conecta a paisagem do presente com a memória dos heróis do passado. A terra islandesa é desolada, sem vinhas, sem trigos, sem pomares, sem jardins, e ao mesmo tempo é um repositório de memórias gloriosas, sonhos e esperança. O poema possui um caráter narrativo que o aproxima da épica em vez da lírica, o que pode ser reforçado pelo fato de Morris trazer elementos do aporte mitológico e lendário, como a referência a Brynhild, da *Völsunga Saga,* e a Balder, um dos deuses que sobrevive ao *ragnarökr,* de acordo com o aporte mitológico das *Eddas.* Isso demonstra como, nas palavras de Boos (2024, p. 111, tradução minha)[17], Morris se identificava "com poetas do passado medieval e seus personagens, empreendendo uma forma de viagem espiritual no tempo".

Ao final da penúltima estrofe, a voz poética indaga diretamente à pessoa da Islândia: "Pois o que é a marca em tua testa senão o estigma que tua Brynhild deve suportar? / Uma vez solitária, e amada e destruída por um amor que nem o tempo pode apagar". Brynhild é uma das personagens centrais da Lenda dos Volsungos, registrada na Islândia principalmente em três textos: na *Völsunga Saga,* em poemas da *Eddukvæði,* e em parte da *Snorra Edda.* Apesar de escrita na Islândia, essa narrativa, como apresentada pela *Völsunga Saga* e pelas *Eddas,* não se passa na Islândia. Nesse sentido, diferentemente das *Íslendigasögur,* o tropo da paisagem

[15] "[...] he wanted Iceland, as mother, sister and lover" (WAWN, 1999, p. 265).
[16] "[...] a marvellous, beautiful and solemn place [...] and where I had been in fact very happy" (MORRIS, 1996, p. 146).
[17] "[...] Morris made a remarkable leap into identification with poets of the medieval past and their characters, undertaking a form of spiritual time travel" (BOOS, 2024, p. 111)

islandesa não é elemento característico e significativo nas *fornaldarsögur* (sagas lendárias), categoria na qual a *Völsunga Saga* se insere, nem nas narrativas mitológicas e lendárias narradas pelas *Eddas,* posto que essas tipologias reúnem, em grande parte, histórias de um passado mítico e lendário germânico "pré-histórico" da Islândia e do restante da Escandinávia. Ainda assim, para Morris, a paisagem islandesa deposita em si a memória desse passado distante. Essa aproximação da Lenda Nórdica dos Volsungos com a paisagem islandesa pode ser percebida também, mesmo que implicitamente, na releitura que Morris fez dessa narrativa, o poema épico *The Story of Sigurd the Volsung and the Fall of the Niblungs* (MORRIS, 1904)[18], publicado pela primeira vez em 1876. Nesse poema, há intensas descrições das paisagens – que não só compõem o cenário da narrativa como participam ativamente dela –, as quais ecoam a aura da paisagem islandesa conforme desenvolvida por Morris nos seus *Icelandic Journals* (MORRIS, 1996).

No verso citado no parágrafo anterior, traduzi "the mark on thy **brow**" como "a marca em tua **testa**". Vale pontuar que o termo *"brow"* pode ser traduzido tanto como "testa", referente à parte da face de uma pessoa, quanto como "cume", referente ao topo de uma montanha[19]. É possível que Morris tenha optado por esse termo pelo seu sentido duplo, capaz de remeter tanto à subjetivação da Islândia, enquanto pessoa, quanto às suas características topográficas, enquanto natureza. Não havendo um termo com essa duplicidade semântica em língua portuguesa, optei por "testa" levando em consideração que, nesta estrofe, a Islândia é tratada como uma pessoa, que ri, que lamenta, que possui voz, mãos e, portanto, também possui testa. No entanto, "cume" também faria bastante sentido, posto que, para além do aspecto montanhoso da paisagem islandesa, a história de Brynhild também está conectada ao topo de uma montanha: Hindarfjall. De acordo com a *Völsunga Saga* (ANÔNIMO, 1965), Hindarfjall é onde se encontrava Brynhildr adormecida sob uma maldição de Óðinn, que a

[18] O primeiro contato de Morris com a Lenda Nórdica dos Volsungos teria sido no momento em que o autor se propôs a traduzir a *Völsunga Saga* do nórdico-islandês antigo para o inglês de seu tempo, juntamente com seu amigo islandês Eiríkr Magnússon, em 1870. É importante deixar claro, contudo, que o poema épico aqui citado, *The Story of Sigurd the Volsung and the Fall of the Niblungs,* não se trata da tradução de Morris da *Völsunga Saga,* mas sim de uma nova versão da Lenda, cuja recriação baseou-se tanto na *Saga* quanto nas *Eddas* (ZIRONI, 2016; STOTT, 2021).

[19] Consultado em: https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/brow Acesso em: 29 ago 2025

colocou presa em uma cota de malha apertada. Sigurðr a encontrou, cortou a cota de malha e, consequentemente, a libertou do feitiço. Os dois conversaram, apaixonaram-se e trocaram juras de amor. Tempos depois, os dois se reencontraram na casa de Heimir, um grande chefe casado com a irmã de Brynhildr, Bekkhildr, e reforçaram as juras. Depois disso, Sigurðr continuou a sua viagem até chegar à corte do rei Gjúki, onde seu destino final foi selado. Lá, ao ingerir uma bebida enfeitiçada oferecida por Grímhildr, esposa de Gjúki, Sigurðr esqueceu-se da amada Brynhildr e casou-se com Guðrún, a filha de Gjúki e Grímhildr. A ardilosa rainha Grímhildr ainda tramou o casamento de seu filho Gunnar com Brynhildr. No entanto, Brynhildr havia determinado que só se casaria com aquele que se provaria corajoso ao atravessar as chamas que se elevavam em torno de sua mansão. Depois de Gunnar tentar duas vezes tal façanha e falhar, Sigurðr trocou de aparência com ele e, montado no cavalo Grani, atravessou as chamas e conquistou a mão de Brynhildr para o cunhado. Tempos depois, já casada com Gunnar, em uma discussão em um momento de banho no rio Rín (Reno), Guðrún revelou a Brynhildr que quem havia cavalgado pelas chamas para conquistá-la era, na verdade, Sigurðr, e não Gunnar como a fizeram acreditar. Como prova, Guðrún mostrou o anel Andvaranaut, o qual Sigurðr havia dado a Brynhildr na segunda vez em que se encontraram, mas, no dia que se corrompeu e se deitou com ela disfarçado de Gunnar, tirou-o da mão dela e colocou outro no lugar. Em consequência, Brynhildr ficou em estado de fúria e grande tristeza ao descobrir tamanha traição. A partir disso, Brynhildr passou a lamentar-se incansavelmente em seus aposentos, até convencer o marido Gunnar a matar Sigurðr. Com o amado morto, ela tirou a própria vida ferindo-se com a espada. Esse resumo explica a referência, nos versos de Morris, a uma Brynhild "solitária, e amada e destruída por um amor que nem o tempo pode apagar". Antes disso, na terceira estrofe, é possível identificar uma outra referência implícita à história de Brynhildr. A voz poética afirma que a Islândia guarda tesouros, os quais podem ser uma espada, um cajado, "Ou porventura o anel de uma mulher, cuja dor se tornou riqueza e contentamento". Esse anel é Andvaranaut, o qual foi o estopim da imensa dor causada a uma mulher, Brynhildr.

O estigma que "Brynhild deve suportar" está marcado no alto da face islandesa, no cume de sua paisagem montanhosa, a qual se configura como um manuscrito de histórias, memórias e imaginários – nos termos de Lethbridge (2016) –, e onde está guardada, na forma

de registro escrito, uma lenda que percorreu todo o mundo germânico antigo por meio da oralidade até chegar à Escandinávia e, de lá, viajar para a Islândia, onde fez morada por meio do registro escrito em diferentes formatos. Na introdução da tradução da *Völsunga Saga* para o inglês, produzida por Morris e seu amigo Eiríkr Magnússon, os tradutores afirmam: "Ao oferecer ao leitor esta tradução da forma mais completa e dramática do grande Épico do Norte, [...] é ao apaixonado pela poesia e pela natureza [...] que apelamos para que desfrute e admire esta grande obra" (MORRIS & MAGNÚSSON, 1870 *apud* ZIRONI, 2016, p. 221, tradução minha)[20].

Além do aporte lendário, Morris também retoma, em "Islândia à Primeira Vista", o referencial mitológico nórdico como elemento diretamente inserido na paisagem islandesa. O primeiro verso da última estrofe, "Ah! quando teu Balder regressar," claramente alude ao mito do *ragnarökr,* o qual aparece também, de forma significativa, em outros textos literários de Morris, como bem aponta Ian Felce (2018). Após o *ragnarökr*, que destruiu e desestruturou grande parte do cosmos, Jörð (a Terra) ressurge do oceano, e alguns deuses, como Baldr and Höðr, e um casal de humanos, Líf and Lífþrasir, sobrevivem (STURLUSON, 2005; ANÔNIMO, 2023), tendo a oportunidade de um recomeço no mundo ressurgido, no qual darão início a uma nova história social. Baldr é um dos filhos de Óðinn, "[c]onsiderado o melhor de todos os deuses, também o mais belo, [...] o mais sábio, eloquente e piedoso, sendo tão imaculado que nada de impuro pode ingressar onde esta divindade habita" (MALTAURO, 2015, p. 53). Logo, a referência ao seu retorno, no poema de Morris, simboliza bom presságios, sendo o principal deles a valorização e popularização da célebre memória cultural islandesa: "Não demoraremos nem um pouco para sobre tua doçura longeva falar". Para Simon Dentith (2009, p. 240, tradução minha)[21], essa última estrofe valoriza a Islândia "como repositório de antigas histórias heroicas, que terão uma doçura especial em algum momento antecipado no futuro". Acrescento que não somente essa estrofe final, mas o poema como um todo reforça essa ideia. Para Morris, as lendas e mitos nórdicos são parte da Islândia e permeiam a sua paisagem como

[20] "In offering to the reader this translation of the most complete and dramatic form of the great Epic of the North, [...] it is to the lover of poetry and nature [...] that we appeal to enjoy and wonder at this great work, [...] (MORRIS & MAGNÚSSON 1870 *apud* ZIRONI, 2016, p. 221, grifo meu).

[21] "[...] as the repository of old heroic stories, which will have a special sweetness at some anticipated moment in the future" (DENTITH, 2009, p. 240).

se fossem *landvættir* ("espíritos da terra")[22]. Tanto é que a voz poética morrisiana, ao se dirigir diretamente à Islândia, determina que o passado lendário e mitológico a ela pertencem: é "**tua** Brynhild", é "**teu** Balder".

De acordo com Dentith (2009), "Islândia à Primeira Vista" é um dos poemas de Morris que exprime a busca do escritor em desvendar o verdadeiro significado do mundo do "Norte" (ou *"the North"*, como o próprio Morris costumava proclamar). Nessa busca, consolidada no aprofundamento da Literatura Nórdico-Islandesa Antiga e no encontro com a paisagem e sociedade islandesa de seu tempo, Morris encontrou "o retrato de um mundo não necessariamente belo, nem vitorioso, mas um mundo uno, inteiro o suficiente para integrar inclusive as partes feias ou sombrias que fazem parte de um todo" (BRUCHARD, 2015, p. 119).

Se o desafio deste trabalho foi traduzir um poema, o resultado, muito mais do que uma transposição da língua inglesa para a língua portuguesa, apresentou-nos um William Morris como o verdadeiro tradutor: ele traduziu em palavras as suas percepções e experiências na Islândia. Em suma, podemos considerar que "Islândia à Primeira Vista" traduz a Islândia de Morris como um ideal de natureza, literatura e sociedade. Concordo com Hugh Bushell (1961, p. 12, tradução minha)[23] de que "William Morris é uma boa pessoa com quem viajar para a Islândia: sua imaginação e seu sentimento pelo lugar tornam as experiências muito mais ricas do que seriam de outra forma". Nesse sentido, traduzi a Islândia juntamente com Morris, viajando com ele para outros tempos e espaços, muito além das palavras.

Além disso, quero me colocar nesse espaço final como "tradutora-poeta" que teve a oportunidade de visitar a Islândia juntamente com Morris, para além da prática da leitura literária: seus diários de viagem, seus poemas e seus ensaios que desenham, explícita e implicitamente, a paisagem islandesa, acompanharam-me durante minha experiência de três

[22] *Landvættir* são "descritos como espíritos protetores do território, cuja menção se faz somente em fontes da Islândia medieval. [...] [F]oram regularmente associados com outros seres sobrenaturais que habitam em traços da paisagem (como *dísir, dvergar, álfar)* ou com espíritos protetores (*fylgja* ou *hamingja)"* (POILVEZ, 2015, p. 277).

[23] "William Morris is a good person to go to Iceland with: his imagination and feeling for the place makes one's experiences much richer than they would otherwise have been" (BUSHEL, 1961, p. 12).

meses no pequeno país[24]. Pude testemunhar como a Islândia é, de fato, uma entidade viva, que se movimenta e que comunica: fez, faz e resiste, como diz a voz poética de Morris. O fogo da terra renova o solo, faz tremer as rochas e modifica-as, desloca a paisagem. O gelo congela e derrete constantemente modelando sempre novas formas de existir. O vento com sua força assustadora e única movimenta o mar, a areia preta, a grama grisalha, a neve. Todo esse deslocamento que renova a vida guarda consigo a coragem, a esperança, a resistência e as memórias do "espírito do Norte". Isso é o que Morris buscou ver, rever e compartilhar.

Referências bibliográficas:

Poema:

MORRIS, William. Iceland First Seen. *The William Morris Internet Archive*. Works. Poems by the Way. 1891. https://www.marxists.org/archive/morris/works/1891/bytheway/poems/poem14.htm Acesso em: 21 agosto de 2025.

Fontes secundárias:

ABRAM, Christopher. *Evergreen Ash:* Ecology and Catastrophe in Old Norse myth and literature. Charlottesville: University of Virginia Press, 2019.

ALVES, Cláudia Tavares. Tradução de poesia. *In:* LIMA, Érica; PISETTA, Lenita Rimoli; VERAS, Viviane (Org.). *E por falar em tradução.* Bauru, SP: Canal, 2021. pp. 131-145

ANÔNIMO. *Vǫlsunga Saga* / *The Saga of the Volsungs.* Ed. e Trad. R. G. Finch. London: Nelson, 1965.

ANÔNIMO. *The Poetic Edda:* A Dual-Language Edition. Ed. e Trad. Edward Pettit. Cambridge: Open Books Publishers, 2023.

[24] Fui pesquisadora visitante na *Háskóli Íslands,* em Reykjavík, Islândia, com bolsa CAPES-PrInt pela modalidade Capacitação (Março a Maio de 2024).

BENNETT, Phillippa. Rewilding Morris: Wilderness and the Wild in the Last Romances. *In:* BOOS, Florence S. *The Routledge Companion to William Morris.* New York / London: Routledge, 2021. pp. 343-367

BOOS, Florence. Morris the Skald: Icelandic Translation as Social Liberation. *Victorian Poetry,* vol. 62, Spring/Summer, 2024. Disponível em: https://muse.jhu.edu/article/948527 Acesso em: 28 ago 2025

BRUCHARD, Dorothée de. Tradução, Edição. William Morris e o Livro Ideal. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158416 Acesso em: 21 ago 2025

BUSHELL, Hugh. News from Iceland. *JWMS,* vol. 01, n. 1, Winter, 1961. Disponível em: https://morrissociety.org/document/vol-1-no-1-p-07-12-news-from-iceland/ Acesso em: 21 ago 2025

DENTITH, Simon. Morris, 'The Great Story of the North', and the Barbaric Past. *Journal of Victorian Culture,* vol. 14, n. 2, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.3366/E1355550209000812 Acesso em: 29 ago 2025

FELCE, Ian. *William Morris and the Icelandic Sagas.* Cambridge: D. S. Brewer, 2018.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica.* Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

LETHBRIDGE, Emily. The Icelandic Sagas and Saga Landscapes. Writing, Reading and Retelling *Íslendigasögur* Narratives. *Gripla,* XXVII, vol. 27, 2016. Disponível em: https://gripla.arnastofnun.is/index.php/gripla/article/view/144 Acesso: 29 ago 2025

MACDONALD, Gillian E. Eco-socialism in the early poetry and prose of William Morris. Tese (Doutorado) – University of Dundee, 2015. Disponível em: https://discovery.dundee.ac.uk/en/studentTheses/eco-socialism-in-the-early-poetry-and-prose-of-william-morris Acesso em: 24 jan 2025

MAGNUSSON, Magnus. William Morris in Iceland. *In:* MORRIS, William. *Icelandic Journals.* London: Mare's Nest, 1996. pp. xiii-xxiv

MALTAURO, Marlon Ângelo. Balder. *In:* LANGER, Johnni (Org). *Dicionário de Mitologia Nórdica.* Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. pp. 53-56

MORRIS, William. *Icelandic Journals.* London: Mare's Nest, 1996.

MORRIS, William. *The Story of Sigurd the Volsung and the Fall of the Niblungs.* Longmans, Green and Co., 1904

PHELPSTEAD, Carl. Eddas, Sagas and Victorians. *In:* PARKER, Joanne; WAGNER, Corinna (Org.). *The Oxford Handbook of Victorian Medievalism*. Oxford: Oxford University Press, 2020. pp. 271-288

POILVEZ, Marion. Landvættir. *In:* LANGER, Johnni (Org). *Dicionário de Mitologia Nórdica.* Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. pp. 277-278

STOTT, Martin. 'What came we forth for to see that our hearts are so hot with desires': Morris and Iceland. *In:* BOOS, Florence S (Org). *The Routledge Companion to William Morris.* New York / London: Routledge, 2021. pp. 145-165

STURLUSON, Snorri. Edda. Prologue and *Gylfaginning*. Ed. Anthony Faulkes. Viking Society for Northern Research, 2005.

WAWN, Andrew. William Morris and Translations of Iceland. *In:* CHEW, Shirley; STEAD, Alistair. *Translating Life.* Studies in Transpositional Aesthetics. Liverpool: Liverpool University Press, 1999. pp. 253-276

ZIRONI, Alessandro. William Morris and The Poetic Edda. *In:* QUINN, Judy; CIPOLLA, Adele (Ed.). *Studies in the Transmission and Reception of Old Norse Literature:* The Hyperborean Muse in European Culture. Turnhout: Brepols, 2016. pp. 211-237.